



Portugal

Rodando na Raiia

Portugal visto de um ângulo diferente, sob o olhar de um canadiano apaixonado pelo nosso País, ao longo de um percurso em off-road de norte a sul.

  James Patterson

Partir é um inferno, especialmente em dias tristonhos e cinzentos, que apenas intensificam o aperto no coração e aumentam a tensão da partida. “O prazer secreto do viajante é ficar em casa”, escreveu Paul Theroux, e estas palavras surgiram-me enquanto olhava para as gotas de orvalho que escorriam das folhas, sob o céu carregado dessa manhã. Já há alguns anos que não viajava sozinho, um pensamento inquietante, mas fui eu mesmo que o provoquei – fui eu que pedi por isto, libertei a minha agenda, fiz o meu trabalho e, como ato final, deixei a minha secretária arrumada, para o caso de uma descida inclinada e uma falha de travões finalmente coincidirem. Eram sentimentos dramáticos, daqueles que nos passam pela mente na prancha, antes do salto. Não que eu estivesse em algum lugar perigoso

ou desafiante – estava em Portugal -, mas não precisamos de estar a enfrentar a morte, ou mesmo essa morte menor e não fatal que é deixar os nossos entes queridos. Um último olhar para os rostos preocupados dos nossos, à medida que estes vão encolhendo no espelho retrovisor, consegue entranhar-se por debaixo da pele de todos nós, com exceção dos mais duros viajantes, criando uma comichão tal que voltar para trás e enfiarmo-nos na cama parece ser a única cura. O otimismo do planeamento e a antecipação da partida podem facilmente oscilar do “Aí vou eu!” para “Cristo, o que é que eu fiz?”

Um dos benefícios de partir montado numa moto é o da sensibilidade. O mesmo rodar que, ao partir, arrepiam a pele marcada pelas cicatrizes de viagens anteriores, também expõe os nervos que lhe estão por baixo, sensíveis às mais leves brisas, sons e ressaltos na estrada.



"Aquilo que, noutros países, é recriado como homenagem em parques temáticos, ainda se vive em Portugal"

"Queria ver o país escondido, as terras tão longe de aeroportos e praias quanto possível..."



Seguindo o meu caminho ao longo do rio Douro desde o Porto, o Mundo parecia fresco e renovado. Sentia-se um toque de eucalipto queimado no ar e a estrada brilhava com a chuva acabada de cair, cintilando a cada par de faróis com que me cruzava. Remadores percorriam o rio verde-acinzentado como esguios insetos aquáticos, rasgando sulcos que eram quebrados pelos barcos rabelos que se dirigiam aos históricos cais da cidade para recolher a sua receita do dia. Estas embarcações estreitas outrora transportavam as pipas de Vinho do Porto, desde os vinhedos do Alto Douro para os armazéns ao longo da boca do rio. Agora o rio tem barragens, os rabelos apenas transportam turistas e as pipas fazem por estrada todo o percurso da descida do rio.

Portugal por dentro

Eu decidi fazer a minha própria viagem através de Portugal em sentido contrário ao que corre aquele doce vinho. Sempre que falava em viajar para Portugal, as pessoas no Canadá diziam, "Oh, as praias são adoráveis", e "já provaste os pastéis de nata?", porque qualquer menção de Portugal se tornou sinónimo de rápidas viagens de fim de semana a Lisboa, deusas bronzeadas a bebericar vinho verde num areal do Algarve, e o jogador de futebol Cristiano Ronaldo; a Espanha para quem estava farto de Espanha e Marrocos para os que têm medo de África.

Só que não é nada destas coisas. É um país tão profundo como é antigo – formado por romanos, visigodos e celtas. Mais tarde, foi um fazedor de mundos, e partes da sua cultura estão espalhadas por todo o planeta.

O país é vasto, com montanhas coroadas de neve e vales verdejantes, planícies rurais escaldantes e pradaria seca. É um lugar de tradição e raízes profundas, onde ainda é possível encontrar gente que nunca viu o mar e cozinhar em lareiras sob telhados de ardósia.

A ideia era pegar numa moto e, fora de estrada sempre que pudesse, rodar ao longo do vale do Douro até às terras altas, e depois ir acompanhando a fronteira com Espanha até à costa sul. Queria ver o país escondido, as terras tão longe dos aeroportos e praias quanto possível. O país já me era familiar, mas, rumando a locais que nunca tinha visitado, recordei-me de Teolinda Gersão, que escreveu "os lugares para onde viajamos com frequência acabam por se sentir familiares, pelo menos superficialmente, mesmo que, a um nível mais profundo, quase tudo acerca deles nos faça sentir forasteiros".

Queria viajar pelos limites do mapa, apagar algum desse sentimento de ser estrangeiro e descobrir partes do país que eram novas para mim. Também estava a fazer o meu melhor para me integrar. Tinha estudado a língua e levava comigo nos alforjes livros de escritores locais, José Saramago, Sophia de Mello Breyner

Andresen e Agustina Bessa-Luís, bem como um saco-cama, um impermeável e figos secos para uma semana. Até a moto era portuguesa – uma AJP PR7. Uma moto de enduro no sentido mais puro, com potência para aguentar velocidades de autoestrada e a estabilidade e autonomia necessárias para um dia inteiro nos trilhos.

Isto funcionou bem porque eu queria ativamente evitar as vias rápidas. O diabólico traçado por autoestrada que percorre a costa atlântica só serve para nos recordarmos que, qualquer que seja a nação, uma vez que se apanha numa estrada de seis faixas, metade da população transforma-se em assassinos à solta atrás do volante.

Felizmente, Portugal é um país cheio de estradas secundárias e caminhos de terra, aquilo que no Canadá chamamos "turkey trails" – trilhos indicados apenas para a teimosia balouçante das aves selvagens. Fazer todo-o-terreno em Portugal não é nada de estranho, e as estradas de terra estão cheias de motores zumbindo como mosquitos irritados. A cada outono, o Lés-a-Lés Off-Road atravessa o país em três dias, e Portugal produziu o seu quinhão de campeões de TT, como o falecido Paulo Gonçalves.

No entanto, não é preciso ser um piloto para desfrutar do off-road. No meu caso, o prazer reside em ser forçado a abrandar, quase a calcular a velocidade, enquanto piso a gravilha ou vou patinando através da lama. Cruzar um quilómetro desafiante, cheio de ervas e raízes, é infinitamente mais gratificante do que engolir uma centena deles numa autoestrada insípida. A porção portuguesa da Trans Euro Trail (TET) está aqui para isso, atravessando o país de norte a sul ao longo de cerca de 600 milhas (960 km), numa combinação de estradas rurais, caminhos florestais e trilhos partilhados com o Caminho de Santiago.

Ao rodar devagar, também existe o benefício de fazer com que pequenas nações como Portugal se expandam e abarquem todo o Mundo. Saramago sabia isto, quando escreveu "Todo o viajante tem o direito de inventar as suas próprias geografias. Se o não fizer, considere-se mero aprendiz de viagens, ainda muito preso à letra da lição e ao ponteiro do professor".

Trans Euro Trail

O primeiro dia de off-road, desde Bragança a Miranda do Douro, deu-me uma lição sobre a verdadeira dimensão de Portugal – o que podia ser feito numa hora de autoestrada demorou-me seis horas em todo-o-terreno. Ali, a Trans Euro Trail segue exatamente a fronteira Portugal-Espanha, o que os portugueses chamam a Raia. O caminho florestal de piso mole cruza uma floresta de eucaliptos e abraça as cumeadas dos montes, Espanha numa encosta, Portugal na outra. No topo da Senhora da Luz, um monte longo e suficientemente subtil para não ter um ▶



i

O AUTOR

Nascido em Manitoba há 31 anos e criado num rancho nas planícies canadianas, James R. Patterson é um jornalista e escritor de viagens que divide o seu tempo entre a Escócia, Canadá e Portugal. Pela primeira vez a colaborar com a TREV, podem ler alguns dos seus trabalhos publicados em vários meios em: jamespatters.wixsite.com/

começo ou fim definidos, dois monumentos assinalam a antiga importância desta linha: uma torre de demarcação em pedra, escondida entre os eucaliptos, e uma torre de vigia abandonada a enferrujar sob a chuva miudinha.

A sensação de isolamento consegue ser palpável. Gerações saíram das zonas rurais de Portugal em busca de melhores salários nas cidades do litoral e pela Europa fora. As aldeias, de granito e ardósia, fazendo crer que foram esculpidas do solo, parecem medievais e isoladas. Tabuletas anunciando VENDE-SE ou, de forma mais ambiciosa, ALUGA-SE, são comuns.

À saída de uma destas aldeias cruza-me com um homem. Podia ter saído de uma pintura a óleo. Grisalho, a pele do queixo flácida e cinzenta, com o chapéu e a capa de lã que vi em quase todos os homens a norte do Douro. Pendurado sobre um ombro magro estava um guarda-chuva, no outro equilibrava um sacho, os seus dedos grossos pousados suavemente sobre a madeira do cabo. Um pouco mais adiante seguia meia-dúzia de cabeças de gado, com pelagem cor de mel a luzir ao sol da tarde.

‘Buenos dias’, gritou-me quando parei ao seu lado, a sua voz tornada suave tanto pela pronúncia transmontana como pela ausência de dentes. ‘Você fala espanhol?’, perguntei-lhe eu em português, confuso sobre para que lado da fronteira tinha resvalado. ‘Aqui falamos tudo’, respondeu-me, inclinando a cabeça como se indicasse direções. ‘Castelhano, português, francês...’

Falámos do seu gado e sobre morar tão perto da fronteira. Ele viveu ali perto, em Paradela, toda a sua vida. A povoação era tão antiga como parecia – vi uma senhora idosa a arranjar a palha num celeiro de pedra e passou um homem numa carroça puxada por um burro. Aquilo que, noutros países, é recriado como homenagem em parques temáticos, ainda é vivido em Portugal.

A fronteira não significa nada para o homem que conduzia o gado. Ele cruzou-a toda a vida no seu trabalho, mesmo quando existiam guardas com quem lidar. Nas montanhas a norte o contrabando era comum, e as casas ao longo da fronteira albergavam contrabandistas que escondiam o produto deste negócio em alcovas secretas.

O gado do agricultor tinha prosseguido adiante, tão calmo como se estivesse a ser flanqueado por dez pastores, e o tom dissonante dos seus chocalhos desvanecia-se. Para me ir embora, perguntei qual era o caminho para a próxima vila. ‘Esta’, disse, ‘é uma estrada rural. Daqui pode-se ir para qualquer lado.’

Encruzilhadas

A qualquer lado, é verdade, mas nem todos os caminhos vão dar à mesma Roma. Por aqui, não é fácil estimar a nossa posição. Não existe falta de opções – estendem-se a partir das localidades como fios emaranhados -, mas, sem os

conhecimentos de um local, um começo determinado pode conduzir a um dia inteiro de infundáveis portões fechados e retrocessos. Os caminhos através de terrenos públicos supostamente estão abertos mas, muitas vezes, isto não acontece, e ainda tenho as mãos marcadas para o provar. Após umas quantas horas às voltas nas pastagens, dei graças pelos meus anos de experiência com arame farpado, a enrolar cabos e a erguer cercas no rancho de gado do meu pai.

Queria afastar-me da chuva de Trás-os-Montes e aponte para uma linha distante, onde o manto de nuvens cinzentas era rasgado por pedaços e algodão branco, sobre as planícies rochosas da Beira. Aqui, os campos abrem-se num belo esplendor, e podemos prosseguir lentamente ao longo de diversos caminhos, pertencentes ou não ao TET e acompanhando o rio Côa (Saramago andou a viajar por aqui em 1979, para desfrutar da paisagem).

"A cada amanhecer nas terras altas, o mundo era inundado por uma nevoeiro espesso e leitoso que enchia os vales ao longo do rio e das planícies fronteiriças. Conduzir através dele era como ter um pano cinzento e húmido pressionado contra o rosto"

Estava a acampar neste terreno aberto e só demasiado tarde comecei a procurar um lugar para dormir. A noite caiu rapidamente, como um teatro a reduzir as suas luzes. Em qualquer lado, o anoitecer é venenoso, mas, nas frias povoações de granito portuguesas, pode ser trágico. Saltitar ao longo de uma estrada rural que se desvanecia era mais reconfortante – embora assentar arraias em qualquer lado, em teoria ilegal, fosse possível. Tal como noutras zonas rurais por todo o Mundo, em Portugal a cortesia e curiosidade levam-nos mais longe do que qualquer lei iria permitir.

Conduzindo por outra estrada sempre a mudar – a cada momento alternava entre pedras lisas e um musgo esponjoso e molhado -, encontrei um fogo. Era pequeno, mas estendia-se sobre o caminho, queimando com um brilho que cortava por entre as árvores com uma dureza laranja primordial. Portugal é um país com um historial de incêndios florestais devastadores e piromaniacos desobedientes, e encontrar um fogo descontrolado é suficiente para nos arrepiar os fios de cabelo na nuca. A cada ano que passa, os incêndios lavram por todo o território, mastigando os eucaliptos secos que cobrem o país. Em 2017, o pior ano de que há registo, arderam mais de 440 mil hectares ▶



▶ e morreram mais de uma centena de pessoas. Não tinha maneira de extinguir as chamas sozinho, por isso segui em frente, parando na primeira quinta que encontrei, a uma curta distância. O agricultor gritou-me uma saudação enquanto eu encostava, acenando displicente quando mencionei o fogo. Era ele que o tinha ateado, disse, uma queimada controlada, medida preventiva para salvaguardar a cerca do gado. “Eu estou a olhar por ele”, disse-me com ar trocista. Os homens do campo, especialmente os piromaniacos, não ligam a instruções, por isso deixei o assunto por ali e mudei a conversa para o campismo.

‘Pode ficar aqui na casa’, disse, elevando-me o ânimo. ‘Fica toda por sua conta’. Era óbvio porquê. A casa era uma estrutura mal acabada feita de blocos de cimento no meio do pasto. Embora fosse impossível afirmar se estava em processo de construção ou de destruição, era, de qualquer forma, desprovida de tudo. Não tinha portas nem janelas ou mobília, as divisões eram quartos com o chão coberto de poeira esbranquiçada, folhas velhas e fios expostos a despontar do cimento.

Antes de me deitar caminhei ao longo do pasto até um tanque de pedra. A água estava parada e escurecida pelo musgo. As rochas que pontuavam a paisagem assemelhavam-se aos nós dos dedos de mãos gigantes que irrompiam da terra. Pensei na minha Penélope, e em Ulisses a escapar ao ciclope Polifemo, que atirava pedregulhos como estes ao seu navio.

Mesmo no soalheiro Portugal, existe o frio. Depois da conversa do fogo, fiquei demasiado cauteloso e preferi não acender um, por isso passei a noite a tremer dentro do meu saco-cama, com um frio de enregelar os ossos que me provocou pesadelos vívidos e horríveis, e, de manhã, o bater de dentes e dedos dos pés gelados. Mas também isso era Homero: “Um homem que tenha passado experiências amargas e viajado para longe, após

algum tempo, desfruta até do seu sofrimento”. De madrugada, acordei com o leve repicar de um sino distante, um som tão discreto que era impossível dizer a direção de onde vinha. Recordou-me que não estava só.

Voo cego

A cada amanhecer nas terras altas, o mundo era inundado por um nevoeiro leitoso que enchia os vales ao longo do rio e as planícies fronteiriças. Conduzir através dele era como ter um pano cinzento e húmido pressionado contra a cara. Uma promessa tinha-me enviado perigosamente e sem sentido até às estradas principais que levavam até à vila de Marvão, no topo de um monte. Dali, Saramago dizia que “é possível ver tudo”, mas eu não vi absolutamente nada através daquela nuvem opaca.

Os pilotos de avião têm um nome para o ato de voar através de um denso manto de nuvens cinzentas sem instrumentos de navegação: “178 segundos para viver”. Sem nada para indicar a sua posição relativa ao solo ou a perspectiva do horizonte, o conceito de voo nivelado torna-se distorcido, significando que ligeiramente menos de três minutos separam o voar ‘sobre’ do voar ‘até’ algo. Os motociclistas conhecem bem este sentimento – rasgando um nevoeiro frio e pegajoso, não existe nada na moto que ajude a prever o que fica mais à frente na estrada. E menos ainda o protege disso. Nos estreitos caminhos rurais, não existe muito risco de ir bater em algo, exceto uma vaca ou um rebanho de ovelhas. Mas, na estrada, existem carros que investem como touros e luzes de stop demoníacas, que aparecem com tão pouco pré-aviso que o meu coração para mais depressa do que os meus travões.

Fugi de volta para a proteção das estradas de terra. A sul de Portalegre, rumo aos campos do Baixo Alentejo, existe uma mudança nítida na paisagem rural. O Sol brilhava e a grandeza

das montanhas tinha desaparecido, substituída pela infundável geometria de oliveiras e sobreiros. Laranjeiras e limoeiros debruavam a estrada, os seus ramos debruçados sobre as vedações, manchando o chão de esguichos de sumo das frutas que caíam.

O Alentejo é o cesto de pão de Portugal e um bastião do Partido Comunista Português desde as eleições pós-ditadura de 1975. Embora a união entre estes agricultores seja forte, os mais jovens, maioritariamente, rejeitam o trabalho no campo. A falta de mão de obra tornou os agricultores do Alentejo em patrões. Os trabalhadores são trazidos de locais tão distantes como o Nepal e a Índia para apanharem azeitonas, uvas e mirtilos nas propriedades. Passar por estes trabalhadores itinerantes, agachados à sombra de um castelo em ruínas, foi como testemunhar um quadro vivo de Paul Kuczynski, uma imagem da história e do presente, tão distorcida pelo próprio destino que só conseguia pensar “quanto mais as coisas mudam, mais ficam na mesma.”

Há uma miríade de castelos e fortificações ao longo da fronteira, na sua maioria adormecidos e silenciosos. Outrora os últimos bastiões contra as invasões dos mouros e de castelhanos, agora agem em direta antítese ao seu propósito original, encorajando espanhóis e franceses a correrem para dentro das suas grossas muralhas.

No Algarve, o número de estrangeiros atinge um pico febril. As relíquias históricas são largamente preteridas em favor de ficar ao sol numa praia apinhada. Eu não queria nada disto e fiquei pelas montanhas, passando um dia aterrorizante na Serra do Caldeirão, subindo e descendo estradas cheias de pedras e infestadas de cães enlouquecidos. Estes animais selvagens quase que me apanhavam. Portugal está pejado destes rafeiros que surgem de curvas cegas e mordem o ar com uma ferocidade que me deixa a pensar “se caio, morro”. Não era a chegada que eu teria

desejado para o final da minha viagem, mas, pelo menos, estava o mais longe possível dos parques de autocaravanas atestados, nas praias alguns quilómetros para sul. Podia dar-me por contente com isso, mordido pelos cães ou não.

Na minha última noite no campo, encontrava-me novamente a tatear através do anoitecer que se aproximava, em busca de um lugar apropriado por entre o emaranhado de arbustos espinhosos que cobrem o Algarve. Ao ver um agricultor a enrolar os tubos de irrigação ao lado do seu campo de alfafa, enchi-me de coragem e perguntei-lhe por um sítio onde ficar. Abriu os braços para abarcar todo o campo. “Em qualquer lado”, disse. Falámos sobre a sua colheita, a seca e os javalis – já tinha sido avisado sobre eles por uma expatriada neozelandesa que tinha uma casa ali perto. Ela vivia no Algarve há dez anos e só tinha visitado metade da sua propriedade, que se estendia sobre os montes. “Não sei se vais encontrar um lugar para acampar”, disse-me ela, com a acidez que os imigrantes reservam para outros que viajam pela sua terra de adoção. “Eu sou dona de todas as terras aqui em volta”, disse-me, sem dúvida a pensar “vai-te embora daqui, cheguei cá primeiro.”

O agricultor minimizou o aviso sobre os javalis. “São só porcos”, disse, “não vais ter problemas.”

“Há por aqui muitos bifos”, disse eu, usando a palavra coloquial em português para estrangeiros. Ele apenas sorriu e continuou a enrolar os seus tubos. Eu estava desganhado e sujo, a minha moto encrustada de mais de mil quilómetros de pó português. Podia dizer o nome de uma dúzia de povoações no meio de nada. A minha mente estava cansada de semanas de traduções. Nada disso era suficiente para me tornar português, é claro. Ainda me sentia estrangeiro, mas mais próximo de Portugal do que nunca, após cinco anos de visitas. Antes de se ir embora, o agricultor estendeu-me a mão. Aceitei-a e, numa voz suave, disse-me “Bem-vindo a Portugal”. ■